

Itamar Silva – Transcrição da Entrevista – Memória Viva

Wikifavelas - 0:00:38

Olá, eu sou Mônica Francisco e essa é uma série de entrevistas ligadas ao projeto Memória Viva do Dicionário de Favelas Marielle Franco.

Wikifavelas - 0:00:53

E hoje nós vamos entrevistar aqui no Santa Marta Itamar Silva, liderança, jornalista, coordenador do Grupo Eco. Como é que você começou? Qual é a sua primeira memória de início na luta comunitária?

Itamar Silva - 0:01:09

Eu tenho uma marca porque a minha casa sempre foi uma casa muito, muito movimentada. Por que eu digo isso? Meu pai sempre teve ligado a música, a folia de reis, a futebol. A minha avó era rezadeira. Então a minha casa sempre foi um lugar de muito entra e sai, de muita movimentação.

Itamar Silva - 0:01:29

Eu acho que isso muito cedo me chamou a atenção para essa relação que eu tinha com a própria favela. Porque certamente eu convivia com umas coisas interessantes.

Itamar Silva - 0:01:44

Porque, você vê, a minha avó estava lá rezando e eu ficava olhando assim meio com um deboche, né? Às vezes eu achava que era um certo deboche, não acreditando naquilo. E as pessoas tinham uma fé e uma crença muito grande. E minha avó sempre queria me rezar.

Itamar Silva - 0:02:01

Eu digo, não, não precisa de me rezar não, tal, tal, tal. Mas eu dormia e ela me rezava dormindo. E aí é muito legal porque eu aprendi a ter respeito e admiração por esse tipo de sabedoria, esse conhecimento que ela tinha e que eu não sabia valorizar naquele momento.

Itamar Silva - 0:02:20

Mas ela não ligava para isso. Ela não ligava para a minha atitude às vezes meio debochada. Ela exercia a sua sabedoria. Então, assim, eu aprendi a lidar com os moradores do morro também por conta disso.

Itamar Silva - 0:02:36

A minha casa foi a primeira casa que teve, talvez a segunda casa que teve telefone aqui no Santa Marta. Então, você imagina, né? Era de manhã às vezes, oito, meia da manhã, domingo, o telefone tocava e era alguém do Ceará para chamar um vizinho e tal, tal, tal.

Itamar Silva - 0:02:53

Ou alguém que chegava cedo lá em casa, sentava e ficava esperando uma ligação. Então, ao invés disso me provocar qualquer incômodo, eu acho que isso foi me desenvolvendo também uma certa, sei lá, uma admiração. Mais uma relação, construindo uma relação com essa realidade e com um papel que até a minha família cumpria ali naquele momento.

Itamar Silva - 0:03:16

Eu acho que foi o início, não sei, talvez um dia eu dormi e acordei e já estava no movimento, já estava fazendo coisas. Mas o que eu me lembro assim, de forma consciente, são essas passagens na minha vida.

Wikifavelas - 0:03:29

Eu estou vendo que tem três pessoas do seu lado. Eu queria que você falasse dessas pessoas, que você apresentasse essas pessoas e que elas também pudessem se apresentar em seguida.

Itamar Silva - 0:03:41

Eu olhando para a minha história, na verdade eu nunca fiz nada sozinho. Desde o início, minha vida sempre foi uma coisa muito coletiva. Eu citei a minha família, né, um pouco nessa relação. Mas quando a gente começa o Grupo Eco, o jornal aqui no Santa Marta, eu não estava sozinho.

Itamar Silva - 0:03:58

Éramos mais cinco, mais seis pessoas, todas moradoras daqui do Santa Marta e já nessa relação que a gente vai construindo, então, tudo que veio depois. Eu acho que aqui hoje, né, eu falei, até brinquei que eu trouxe um reforço para cá. Então tem três pessoas que eu acho que também ajudam a contar essa história e fazem parte dessa história.

Itamar Silva - 0:04:19

Uma que é Simone, que... Simone não nasceu no Santa Marta, mas Simone logo que chegou, eu acho que... Eu vou falar por ela, se apaixonou pelo Santa Marta. Tem o Vônei Lopes. O

Vônei Lopes nasceu aqui no Santa Marta, né, está aqui desde sempre.

Itamar Silva - 0:04:38

E é uma figura que eu lembro muito bem da entrada do Vônei no Grupo Eco. Chega um jovem, meio cabeça vazia, mas aí encontrou o Eco, a gente preencheu de um monte de coisa a cabeça dele, né. E Sheila, Sheila também é nascida aqui no Santa Marta e a Sheila eu conheço, eu vou falar, desde pequenininha, desde...

Itamar Silva - 0:04:59

Eu lembro da Sheila estudando no Pedro II, né, e logo depois a entrada dela no próprio Eco e toda a história que ela construiu com o Eco e a trajetória dela específica também, né. Então, assim, eu acho que eles são uma parte, né, dessa grande grupo, desse coletivo que forma o Grupo Eco aqui no Santa Marta.

Wikifavelas - 0:05:22

Eu queria que eles falassem, assim, muito objetivamente, onde a vida deles atravessa a sua. Para além dessa sua introdução que mostra, né, já a sua aproximação com outras pessoas fora do seu grupo familiar. Mas eu queria que cada uma, assim, de forma muito objetiva mesmo, falasse o início, como a vida deles, dele, do Rony, e delas, atravessa a sua.

Simone - 0:05:49

Meu nome é Simone e quando eu conheci Itamaceu. Outro dia até falei, né, sobre isso, porque também me pediram. É muito bacana que uma coisa vai levando a outra. E aí eu vou mostrar a minha impressão que eu tive do Itamar. Eu era uma jovem, não sei quantos anos, mas eu, vinte e poucos anos, já estou mais de vinte e cinco anos no Grupo Eco.

Simone - 0:06:11

Mas eu era uma jovem que estava buscando o quê? Um grupo de teatro, que era o meu sonho ser atriz, né? Então eu estava nessa busca como as jovens dessa idade vai buscar. Aí me falaram que existia um grupo de teatro do Grupo Eco e os ensaios eram na Casa Santa Marta.

Simone - 0:06:30

Então eu não conhecia nada, porque, como o Itamaceu falou, eu não nasci no Santa Marta, eu tinha acabado, recém-chegado no Santa Marta, minha mãe morava, então eu estava buscando. Então, primeira vez que eu entrei no grupo, que eu fui lá e conheci o grupo, me apresentei, falei do meu desejo de participar do grupo de teatro e aí eu fui acolhida no

mesmo momento.

Simone - 0:06:52

Então, o Itamar foi super solícito, foi falando do Grupo Eco também, aí eu me apaixonei de cara, claro, né? E aí eu fui para as reuniões de domingo e não saí mais, não saí mais. E foi, assim, interessante, porque eu precisava, naquele momento, de um grupo, de pertencer a um grupo.

Simone - 0:07:13

Eu estava com esse sentimento, uma necessidade de pertencer a um grupo e eu achei o meu grupo. Então eu estou no Grupo Eco esse tempo e não vou sair. Hoje eu já não moro mais no Santa Marta, né? Morei muitos anos, mas eu sempre falo, eu não moro no Santa Marta, mas eu continuo no Santa Marta, eu sou de Santa Marta e, principalmente, do Grupo Eco, que é com eles que eu ganho o mundo e aí vai.

Sheila Souza - 0:07:41

Meu nome é Sheila Souza, eu tenho 52 anos. Na verdade, a minha vida cruza com a vida do Itamar, né? Eu era adolescente, meu namorado, o Batata, na época, ele já participava, ele tinha sido coloninho e ele atuava no Grupo Eco.

Sheila Souza - 0:08:02

E a gente, aquela galera toda dessa faixa etária, estava muito assim, ah, vamos participar do Eco, vamos participar do Eco, e aí a gente foi uma leva, né, Itamar? Pra participar do Grupo Eco, a gente queria ser instrutor e a Colônia de Férias, eu nunca tinha participado da Colônia de Férias, então eu queria ser instrutora.

Sheila Souza - 0:08:21

E aí eu entrei no Grupo Eco, a gente foi uma geração bem marcante, né, nessa época do Grupo Eco, a gente foi muito decidida, a gente queria muito fazer história no Eco mesmo, então foi aí que tudo começou, né, essa convivência, essas discussões também, a gente participou de muita discussão política, a gente sempre fala sobre isso, né?

Sheila Souza - 0:08:46

Dessa coisa de discussão de base, né, Itamar, que na minha época de adolescente eu estava circulando o tempo todo. E não era diferente no Grupo Eco, então foi um pouco assim, né, cruzei com o Itamar através da Colônia de Férias, e daí a gente não parou de se esbarrar nunca mais, né, a gente sempre tá participando, né, das coisas, acho que é a nossa cachaça

mesmo.

Itamar Silva - 0:09:07

Até 98 anos consigo.

Sheila Souza - 0:09:09

Senhor. Teu ou meu, Itamar? Teu é 98! Vida longa! Vida longa ao rei! Vida longa ao rei!

Vony Lopes - 0:09:20

Então, eu me chamo Vony Lopes, eu estou agora com 60 anos, e o Itamar colocou muito bem aqui, né, eu era um menino, 17 anos na verdade, quando a Colônia de Férias, foi um ano depois que começou a Colônia, e eu entro, né, mas assim, mais pra zoeira mesmo, pra zoar, né, não tinha nenhum compromisso com nada, era sair com a mulhercada e perturbar, e assim, a gente não tinha muito o que fazer na comunidade, né, então, futebol, como o Itamar falou, a Praia da Urca, ou a Colônia de Férias, que estava surgindo naquele momento, e aí eu entro, através de Josafá, é um cara que tá mais aqui no Morro, né, que morava perto de mim lá em cima, e aí me

Vony Lopes - 0:10:00

faz o convite, e eu também sempre fui um cara de fazer as coisas, né, aí eu entro na Colônia de Férias, começo já como instrutor, e depois participo aqui de algumas coisas na Associação de Moradores, carregando material, ajudando a fazer o ambulatório Dedé, mas ainda não tinha a consciência, entendeu?

Vony Lopes - 0:10:19

Eu era um jovem de 17 anos, fui pro quartel, servi o quartel, fiquei um ano meio afastado, depois eu volto novamente, e continuo participando, assim, também ainda um pouco na brincadeira, mas aos poucos participando também das reuniões de multidão, aos poucos participando da reunião da Associação de Moradores, e também das reuniões da Colônia de Férias, e com isso eu vou adquirindo a consciência do trabalho comunitário, vou vendo aqui, o que a gente faz é muito legal, a responsabilidade que a gente tem com as crianças, e com toda a comunidade, porque na verdade o ECO está metido na transformação do Santa Marta, em tudo que você pensar, tem o dedo do ECO, tem a participação de

Vony Lopes - 0:10:59

Itamar intensiva, e o Grupo ECO sempre no apoio aqui ao trabalho comunitário, é assim, é isso. Hoje eu acho que me acho uma pessoa com consciência, pelo menos que eu penso da

vida de melhor, através do Grupo ECO, então tenho muito a agradecer a esse grupo.

Wikifavelas - 0:11:16

Pois é Itamar, o Vônei dá um gancho importante para a gente, da nossa próxima pergunta, que é a sua relação com o território. O Vônei dá uma pista desse quase que DNA da sua militância, da sua trajetória, da sua luta, em cada ação que compõe a transformação ao longo do tempo no território do Santa Marta.

Wikifavelas - 0:11:46

E eu queria que você falasse um pouco sobre isso para a gente.

Itamar Silva - 0:11:48

Quando a gente paga para pensar e refletir sobre a nossa trajetória, cada um, mas eu especificamente aqui no Santa Marta, eu sempre me surpreendo como é que eu aprendo um pouco mais da minha própria história. Essa pergunta me faz refletir sobre que eu tinha tudo para ser um pobre favelado que daria as costas para a favela.

Itamar Silva - 0:12:16

Porque eu nasci no Santa Marta num momento em que eram muito pouco as crianças que avançavam no estudo. Eu repito isso porque eu acho que é importante. Eu estou em frente aqui à Escola México.

Itamar Silva - 0:12:32

Até a quarta série, na Escola México, eu tinha pessoas do Santa Marta estudando ali comigo. Quando eu chego na quinta série, na admissão, eu não tinha mais nenhum amigo da favela. Era eu com os amigos da classe média de Botafogo.

Itamar Silva - 0:12:50

Eu lembro, era filho da tinturaria, filho de professores, filho de funcionários públicos. Então, muito facilmente, a minha vida estaria direcionada para fora do Santa Marta. Eu acho que o que me prende aqui, eu volto a falar, é a minha família, talvez.

Itamar Silva - 0:13:09

Meu pai com o jeito dele de ligar as questões culturais aqui, a minha avó. E eu vivia um tempo de uma certa tensão. Essa dificuldade de assumir a favela como um lugar importante na minha vida.

Itamar Silva - 0:13:24

Eu tinha como um adolescente, um jovem, algumas restrições a isso. Quando eu vou para o ginásio, eu vou estar no Amargo Cavalcante, no Amargo do Machado. E é muito interessante. Minha mãe é empregada doméstica, sempre foi. Eu lembro que a patroa dela ficou abismada porque eu tinha passado para o ginásio público e o filho dela não tinha passado para o ginásio público porque tinha essa parte, esse exame que se dava da admissão para o ginásio.

Itamar Silva - 0:13:57

Eu lembro como fosse hoje. A forma como ela falou com a minha mãe, tinha um certo ranço, um ressentimento naquilo ali e minha mãe tinha um orgulho. Minha filha mostrar que eu tinha passado para o ginásio. Eu estava com 12 anos, na verdade.

Itamar Silva - 0:14:15

Eu acho que muito cedo eu tive que amadurecer. Essas relações, olhando para a minha família, para o Santa Marta, olhando para o meu contexto de escola, eu acho que eu amadureci muito rápido. Isso tanto é que até o pessoal no Eco me cobra até hoje.

Itamar Silva - 0:14:31

"Ah Itamar sempre foi mais", dizia que eu era mais padre do que o próprio padre, entendeu? Um pouco na coisa de controlar tudo, de tentar exigir certos comportamentos.

Wikifavelas - 0:14:43

Mas você queria ser padre?

Itamar Silva - 0:14:45

Não, nunca quis ser padre. Mas é que a gente tem uma fase na vida aqui do Santa Marta, por exemplo, em 76 a gente teve um padre jesuíta que morou aqui, o Agostinho Casterón. E a gente era muito amigo. Então quando o Eco saía para fazer as suas reuniões de avaliações, a gente dormia fora, então tinha jovens como o Voni aqui que tocavam horror, né?

Sheila Souza - 0:15:10

Só que não era um, eram vários.

Itamar Silva - 0:15:13

E cabia a mim fazer o controle, de controle de bebida, controle de dormir, tudo isso. Só que eu era relativamente também jovem. Mas eu acho que para eles eu era a autoridade. E eu

nunca neguei esse lugar, eu nunca me escondi disso, eu sempre assumi de fato um papel de responsável por aquele grupo e do que acontecia ali.

Itamar Silva - 0:15:40

Então o Santa Marta para mim vai se revelando aos poucos, entendeu, Mônica? É muito interessante isso, porque eu vou gostando do Santa Marta como é que eu vou gostando das coisas que estão em torno de mim, né? Eu aprendi a gostar da Folha de Reis, eu nunca saí da Folha de Reis, meu pai, mestre de Folha de Reis, toda a minha família, eu nunca saí, mas eu sempre tive uma ligação, uma coisa tão forte com a Folha de Reis que eu me emociono sempre que eu vejo a Folha de Reis.

Itamar Silva - 0:16:08

Não tem jeito, né? Futebol, eu sou um perna de pau, eu sou mas meu pai foi presidente do Royal, que é um time de futebol aqui, mas assim, eu fazia toda a contabilidade do time, ou quando tinha viagem, as excursões, eu que organizava tudo aquilo, então eu vivia, vivenciava aquela dinâmica, saía com o time, ia ser torcida também, muito por essa coisa da aproximação, eu já assumia uma responsabilidade que meu pai me atribuía.

Itamar Silva - 0:16:43

Eu lembro que em 76 foi criado aqui no Santa Marta o Bloco Carnavalesco Império de Botafogo, e meu pai foi o presidente desse bloco. O presidente me chamou para a diretoria, ok, para a diretoria, o que eu fui cuidar? Eu fui cuidar das finanças.

Itamar Silva - 0:16:59

Então eu cuidava, eu era o responsável pelo bar, eu era o responsável por juntar o dinheiro, comprar o couro para a bateria no final de semana, então o pessoal da bateria me olhava meio atravessado, porque eles diziam, eu quero dez couro, eu comprava cinco, não só porque eu não tinha dinheiro, mas porque era uma forma de controlar aquilo ali.

Itamar Silva - 0:17:18

Então, isso também me colocou próximo do mundo do samba, tanto é que o primeiro samba aqui que o bloco ganha, eu sou um dos autores, o tema era Bahia, e eu ganho o samba com outro amigo meu, e nunca mais eu quis fazer samba, porque eu concorri com meu pai, e meu pai era grande referência para mim de músico e tudo mais, e eu fiquei muito triste no dia que eu ganhei, porque a gente derrotou o samba do meu pai que estava concorrendo.

Itamar Silva - 0:17:48

Então nunca mais eu fiz samba, e não é meu pendor, não é a minha capacidade, mas eu usei

fazer isso. E também eu aprendi, entrei no mundo do samba também, eu ia para as reuniões da federação de blocos, era um outro momento, e era muito estranho tudo aquilo, circulava pelo Rio de Janeiro, e é sempre um mundo muito disputado, muito cheio de leco-leco, e tal, tal, tal, então também me afastei depois dos três anos do meu pai na presidência, eu saí e não voltei mais, hoje eu acompanho a Mocidade Unida do Santa Marta, que é uma escola de samba aqui, mas eu não quero nada com direção, não quero nada com responsabilidade,

Itamar Silva - 0:18:28

eu quero só ser um folião e desfilar. Então assim, quando eu falo que o Santa Marta vai se revelando para mim aos poucos, porque é isso, a cada volta, a cada atividade, eu vou me enraizando mais, eu vou me aproximando mais de pessoas daqui de dentro, e vou tendo, me afastando mais desse mundo de uma classe média que me formava ali.

Itamar Silva - 0:18:51

Eu te digo assim com toda sinceridade, eu tenho meus amigos, talvez eu tenha amigos fora do Santa Marta, eu tive dois, talvez três amigos, todo período de ginásio e do segundo grau também.

Itamar Silva - 0:19:07

Nunca fui de frequentar a casa de amigos na classe média, eu sempre tive muito olhar crítico sobre isso, porque foi pela primeira vez que eu me dei com uma questão da discriminação racial, você pergunta Santa Marta resolveu discriminação na escola?

Itamar Silva - 0:19:25

Eu não lembro disso, mas eu lembro, eu estava no ginásio, talvez na segunda série, talvez, e eu tinha um amigo chamado Antônio, que é uma pessoa que eu gostava muito, ele morava ali perto do Largo do Machado, e um dia eu fui na casa dele logo do almoço, e eu cheguei, a gente está sentado aqui no sofá da sala e tal, a mãe dele chegou, ele me apresentou, a mãe dele foi super simpática, rindo aí, falou, Maria, Maria, vem cá, olha, vem cá que eu te apresento amigo do Antônio, olha só que feições, olha que narizinho, olha só as feições dele, tem umas feições tão finas, esse menino, e começou a discorrer sobre a minha a

Itamar Silva - 0:20:05

minha fisionomia, e eu lembro, eu estou falando, hoje eu tenho essa reflexão, no momento eu fiquei impactado e mudo, eu não consegui reagir, mas muito rapidamente eu percebi que aquilo era um problema, a empregada dele era negra, e ela estava ali um pouco tentando fazer uma, aliviar um pouco a percepção que ela tinha, beleza, de formato, fenótipos, tudo isso, e eu lembro que eu nunca mais voltei na casa do Antônio, nunca mais eu voltei na casa

dele, por mais que me chamasse, então assim, eu aos poucos fui me lidando

Itamar Silva - 0:20:46

com essas questões que me separavam desse mundo de uma classe média com a qual eu estudava, principalmente aqui na Escola México, quando eu vou para o ginásio, já é mais misturado, porque o ginásio ele traz gente de vários lugares, então era mais mesclado, mas mesmo assim tinha uma marca muito clara, onde os negros eram menos, eram poucos, essa discussão não estava colocada com essa ênfase, mas eu olho sempre para o retrovisor e fico pensando nesses momentos assim que vai fazendo também, te formando. Então assim, o Santa Mária foi um lugar que eu me senti bem, foi um lugar que com toda a precariedade desse momento e esse lugar, esse

Itamar Silva - 0:21:27

território, esse lugar, essa favela. Nesse período, a década de 70 aqui, as condições físicas eram muito ruins, eram muito ruins, barracos de pedra e barro, de madeira, valas enormes com muito lixo, muito rato, era volta e meia, a gente estava à conta de que um rato mordeu uma criança dentro de casa, então eu convivia também com essa história, com a dificuldade de água, dificuldade de luz e tudo mais, mas isso me fez talvez muito cedo botar o pé na estrada, botar um pouco, me

Itamar Silva - 0:22:08

dispor a tentar fazer alguma coisa. E então esse é um período também eu acho que entre 75 e 76 eu começo a buscar um contato com o movimento negro aqui no Rio de Janeiro, o IPCN já existia, mas o MNIL estava sendo criado em São Paulo, começaram a ter já algumas referências aqui no Rio, eu vou convidado por alguns amigos, vou a duas reuniões, mas também não me sinto acolhido naquele momento, você tem um movimento que está sendo construído também que é uma intelectualidade negra, claramente isso, eu não

Itamar Silva - 0:22:48

me via espelhado naquilo ali, então depois fui a duas reuniões, não voltei mais, então a favela passa a ser a minha referência. Então eu vou entrar no processo aqui criando a questão do jornal, eu entro na universidade em 76, é a universidade de jornalismo, que é outro problema também, não tinha nenhuma referência da favela, a favela não estava lá, eu nunca ouvi falar de favela na universidade, hoje que a gente discute jornalismo comunitário e tudo mais, que é super bacana, mas naquele momento não, eu estava sendo formado para ser um jornalista com as referências da grande mídia que a gente tinha

Itamar Silva - 0:23:28

naquele momento. E com os limites que eu tinha como alguém que precisava se sustentar,

meus pais não conseguiam me sustentar, eu tinha que trabalhar e tudo mais, então assim, eu vou começar a desenhar na minha cabeça essa necessidade de tentar fazer uma militância mais ligada à favela. A pastoral de favelas foi muito importante para mim, foi muito importante porque esse é o momento também que é criado no Rio de Janeiro, a pastoral de favelas ela está sendo construída aqui na Zona Sul, você tinha o Padre Ítalo Coelho, que era um cara progressista, que

Itamar Silva - 0:24:08

vai um pouco também ajudar a dinamizar as favelas da Zona Sul, e isso me dá um certo gás, porque aí já não estou falando mais, não sou eu, sou aqui no Santa Marta, eu vou encontrar outras pessoas de outras favelas, do Vidigal, do Chapéu e tudo mais, eu tive o prazer de conhecer o Bola, ex-marido da Benedita, nesse processo da pastoral de favelas também, e eu acho que aí então, eu acho que uma forma mais consistente, eu digo que eu estou no movimento de favelas, eu estou construindo então, toda a minha trajetória, que tem a ver com Santa Marta, mas tem a ver também com esse entorno, esse movimento

Itamar Silva - 0:24:48

que é do Rio de Janeiro.

Sheila Souza - 0:24:50

Você estava fazendo um movimento que era uma coisa difícil de você ver dentro do território, dentro do espaço, e aí eu acho isso muito interessante que você está cada vez mais enraizado e a gente achando que você está cada vez mais fora, por todo o seu processo, das coisas que você está experimentando, entendeu?

Sheila Souza - 0:25:06

Então eu acho que isso é uma coisa bem legal de ouvir, né?

Vony Lopes - 0:25:12

É assim, complementando aqui o que a Xulia está falando, eu falei aqui da minha consciência que eu adquiri aqui junto com o grupo, e hoje também entendo a posição do Itamar. Lá nos dias dos 80, quando ele falava do Bola, falava da Benedita, que a Benedita foi a primeira vereadora negra aqui do Rio de Janeiro, a gente desde muito tempo queria lançar o Itamar como candidato.

Vony Lopes - 0:25:35

Ele sempre disse, não, eu vou ficar aqui, daqui é a nossa base, é que a gente vai até ajudar pessoas que a gente acredita, que a gente confia no trabalho, a ser candidato. Eu entendia

isso muito bem, Itamar, vai lá, candidato, você vai ser eleito, a comunidade vai fechar com você, outras pessoas também, e hoje eu tenho essa consciência do porquê que ele não fez isso, não vai fazer, até agora não vai fazer mais, porque a transformação tem que ser de dentro pra fora, não adianta você ir pra lá, ir lá, você vai pra política, você vai se envolver, ou ser envolvido com coisas que você não quer, entendeu, ou ver coisas que você não quer, porque realmente a nossa política no Rio de Janeiro, principalmente, é horrível, né, a gente fala da AKER, fala da Câmara dos

Vony Lopes - 0:26:15

Vereadores, tá sempre vendo aí os escândalos aí, e eu acho que até uma imagem que a gente tem do Itamar legal poderia até ficar meio ofuscada por conta dessa coisa, então eu acho que, tô falando pra você agora, Itamar, eu acho que a tua atitude sempre foi correta, eu que não consegui entender isso; hoje eu já consigo entender.

Simone - 0:26:31

Porque a gente, como jovem, que mora na favela, a gente quer, sempre sonha ter uma casa bacana, receber o seu documento em casa, fazer um pedido de encomenda, receber em casa, e a gente vai crescendo com essa referência de querer trabalhar e de querer sair da favela.

Simone - 0:26:47

E o Itamar, pra mim, foi assim, é uma inspiração mesmo, e é um exemplo mesmo, e tudo que a gente aprende no Eco, que é a primeira coisa, quando a gente se conheceu, eu falei, é Eco de ecologia? Não, é Eco de eocar, de levar informação e trazer informação, de trocas culturais de tudo, e então, aí, nisso, quando eu saio do Santa Marta, eu não moro no Santa Marta, mas eu continuo no Santa Marta, porque eu aprendi com o Grupo Eco a valorizar esse território, a trabalhar coletivamente e a unir cada vez mais o grupo com as demandas do Santa Marta.

Simone - 0:27:27

E também, por que não? A gente tá aqui e a gente tá fora, é uma troca o tempo inteiro, e também, e a colônia de férias vem, né, aí Assimila tudo pra mim, porque a gente também tem o direito também a cidade, não é só dentro do Santa Marta, a gente também tem o direito de estar fora também do Santa Marta e continuar essa troca.

Simone - 0:27:48

Então, é por isso que eu não saio do Santa Marta, porque o Itamar é minha referência também sobre isso.

Wikifavelas - 0:27:57

Itamar, você falou um pouco de um Santa Marta, né, com uma alta insalubridade, uma insegurança muito grande em relação a saúde, né, as condições de vida.

Wikifavelas - 0:28:16

Eu queria que você retomasse um pouquinho pra pensar, né, como era a saúde no Santa Marta, nesse momento em que você se impõe como alguém da coletividade, que tá olhando o seu entorno, que tá, né, pensando esse ambiente, esse território e olhando pras condições de vida, de saúde.

Wikifavelas - 0:28:36

A gente tem o advento do Sistema Único de Saúde a partir, né, da Constituição de 88, a universalização da saúde. Então, eu queria que você traçasse um panorama e falasse um pouco a partir da tua experiência, dessa experiência coletiva, de como era a saúde, como é a saúde hoje e a articulação interna em relação a esse tema.

Itamar Silva - 0:29:01

Quando penso em saúde, a minha mãe levava as crianças do Santa Marta, eram atendidos no Ambulatório São Luiz de Gonzaga, era um ambulatório filantrópico ligado ao Colégio Santo Dinastro, ligado aos jesuítas que ficavam ali na Guilherme Naguim, naquela rua ali, né, e a gente era atendido ali, pra vacinação, pra poder tomar remédio, pra médico, era a única coisa.

Itamar Silva - 0:29:27

Quando eu entro na... o grupo da gente entra na Associação de Moradores, em 81, a gente entra, a nossa luta aqui pra poder ocupar a associação, ela começa no final de 78, 79, mas em 81 a nossa chapa ganha e a gente entra aqui.

Itamar Silva - 0:29:44

A gente vai conquistar então a primeira relação com o ambulatório da Silveira Martins, porque eles estavam buscando contactar as pessoas tuberculosas, porque o índice tuberculose aqui, segundo eles, estava grande.

Itamar Silva - 0:30:04

Então eles discutiam um pouco que a gente ajudasse a identificar as pessoas portadoras, porque o que acontecia? As pessoas começavam a fazer um tratamento e elas não davam continuidade, recebiam aquela quantidade de pílulas pra tomar, e elas deixavam,

melhoravam um pouco, e elas deixavam, abandonavam o tratamento.

Itamar Silva - 0:30:23

Mas só que isso o [Incompreensível] ia ficando mais resistente, então você tinha uma crise aqui. A gente não tinha muito clareza disso, né? Mas quando a gente entra na Associação de Moradores, aqui a direção, a gente vem junto com a gente também nesse movimento um estudante de medicina, o Zé Luiz, que era um filho, ele era sobrinho do padre Veloso, mas ele vem morar aqui no Santa Marta, no processo dele de formação pra médico, ele mora aqui no Santa Marta, dois anos, por aí assim, e isso vai disparar na gente.

Itamar Silva - 0:30:54

O primeiro projeto de saúde que eu me meti foi de controle da tuberculose, aqui na Associação de Moradores. Era um pouco identificar quais são os portadores, tentar monitorar, estimular que eles pudessem acompanhar isso. E isso, no desdobramento, a gente teve um projeto, a associação, junto com a Asia, que é a antiga associação dos antigos alunos dos padres jesuítas, eles fizeram um convênio com INAMPS, não existia o SUS ainda, era o INAMPS, que eram três ambulatórios, Santa Marta, Rocinha e Chapéu Mangueira.

Itamar Silva - 0:31:32

Foram três experiências pioneiras nessa questão da saúde, em que aqui a gente montou o ambulatório e a gente decidiu que o ambulatório tinha que ser no alto do morro, e o ambulatório foi feito no alto do morro. Tinha cinco médicos, tinham cinco agentes de saúde, uma enfermeira em nível superior e uma psicóloga.

Itamar Silva - 0:31:54

Essa é a equipe do ambulatório. Esses caras tinham visita domiciliar, tinha controle de hipertensão, tinha acompanhamento de gestantes e tudo mais. Era um trabalho que eu fico olhando hoje, como é que a gente estava muito à frente, até mesmo do que a clínica oferece hoje, que é um trabalho integral aqui, completo, e toda a base, porque já nesse momento, em 81, eu já tinha me conectado com vários outros movimentos.

Itamar Silva - 0:32:27

Você tinha um movimento pela saúde aqui no Brasil, que estava muito espelhado na experiência de Cuba, que era o médico de família. Então, todo o processo que originou no SUS, toda a conferência de 88 e tudo isso, ela bebeu nessa fonte.

Itamar Silva - 0:32:44

Então, a gente, de alguma forma, estava conectado com esse debate também. Então, foi uma

experiência aqui no Santa Marta, que durou 10 anos, mas foi muito importante. Você tinha referência e contrarreferência, Fernando de Figueira, Miguel Couto, onde você chegava com uma indicação de médicos daqui, você tinha um acolhimento muito importante.

Itamar Silva - 0:33:03

A gente chegou a ter 100% de cobertura vacinal de crianças no Santa Marta. 100%. Então, assim, o tema da saúde, e aí teve uma melhora, o impacto é impressionante. Duas coisas que acontecem aqui, que eu acho que tem uma incidência sobre a saúde coletiva que é muito forte.

Itamar Silva - 0:33:23

Uma é essa questão do ambulatório, que a gente cria aqui, o projeto da tuberculose é de 84, 85, o ambulatório vai acontecer em 86 e vai um pouco à frente. Depois, a coisa da água.

Itamar Silva - 0:33:42

Como é que isso muda a questão da saúde aqui? Você imagina esse coletivo aqui, a água, cada pessoa tinha um barrilzinho dentro de casa, tinha que pegar água na bica para preencher aquele barril, uns pegavam água da chuva para poder ter um reservatório, era muito limitado.

Itamar Silva - 0:33:58

A grande maioria não tinha banheiro, não tinha banheiro dentro de casa, então as condições de saúde, a insalubridade era muito grande. Quando você, a partir de 82, 83, praticamente 83, você consegue uma quantidade de água volumosa para dentro do morro, você vê que a maioria das pessoas colocam banheiro dentro de casa.

Itamar Silva - 0:34:21

Mesmo que fosse um buraco para poder fazer um chuveiro, tomar banho com chuveiro. É uma coisa tão impressionante, mas naquele momento, muitas pessoas não tinham essa experiência, porque não tinha água dentro de casa, não tinha água em quantidade. Então, isso muda muito radicalmente as condições de saúde desta favela aqui e certamente as crianças também são beneficiadas nesse processo todo.

Itamar Silva - 0:34:47

Então, eu fico contente de saber que nós, do Grupo Eco, estivemos juntos todo o tempo, todo esse processo. Tanto o processo pela água, o processo pela luz e o processo pela questão da saúde também aqui. Eu acho que a gente tranquilamente pode dizer que a gente tem nosso

dedo, nossa mão, nossas pernas e nosso suor.

Itamar Silva - 0:35:09

Mas isso é bacana também, coração também.

Wikifavelas - 0:35:12

Eu queria que você falasse um pouquinho também, porque eu sei que o Grupo Eco atuou muito. Eu acho que tem um link de tudo isso que você está falando nesse período de Covid-19, enfrentamento a essa pandemia.

Itamar Silva - 0:35:28

É bem interessante, porque nós estivemos muito ligados a esse tema da saúde. Quando a gente sai da Associação do Morador, em 1991, e depois tem o processo mesmo da Clínica da Família, a gente falou, bom, o Estado está se ocupando disso, a tarefa está feita.

Itamar Silva - 0:35:49

Mas a pandemia, quando ela aparece, ela vai provocar primeiro, no geral, todo mundo acompanhou um pouco essa alerta de que, olha, as favelas vão sofrer, elas podem sofrer mais diretamente, porque as condições de vida, elas são mais difíceis mesmo.

Itamar Silva - 0:36:09

E tudo o que se dizia como prevenção, manter isolamento dentro de casa, máscara, não andar no transporte lotado, tudo isso era o contrário a realidade desses locais.

Itamar Silva - 0:36:29

Aqui no Santa Marta, logo que começou, várias iniciativas de distribuição de alimento apareceu, o grupo Eco ficou um pouco, ao primeiro momento, discutindo a questão da poderia, mas sem assumir uma tarefa específica.

Itamar Silva - 0:36:46

Até que a gente decidiu não, a gente quer entrar nessa história pensando o quê? Não para ser só mais uma instituição dando comida, mas a gente entrou discutindo a qualidade das cestas básicas.

Itamar Silva - 0:37:02

Porque chamava muito a atenção a qualidade, chamava de cesta básica, entendeu? Um quilo

de fubá, um quilo de farinha, um quilo de arroz, um quilo de açúcar, e as pessoas faziam fila para pegar, porque realmente precisa.

Itamar Silva - 0:37:18

Então a gente começou a criar um grupo de amigos que contribuíram com dinheiro e a gente escolheu 50 famílias, era o nosso limite, para dar uma cesta consistente, que pudesse realmente vencer 15 dias na vida dessas pessoas.

Itamar Silva - 0:37:41

Depois tinha um problema grande, a gente falava que as pessoas não podiam circular, mas as pessoas tinham que descer, fazer fila para poder pegar essas cestas. Então a gente olhou para um segmento que são dos carregadores aqui de Santa Marta. Nesse período, os carregadores que vivem de levar bolsa daqui pra lá, também ficavam prejudicados, eles não tinham muita coisa para carregar.

Itamar Silva - 0:38:03

Então a gente contratou, botou num pacote, os carregadores, eles tinham que pegar a cesta e entregar na casa das pessoas. Então a gente atingia duas coisas. Primeiro, essa história de manter as pessoas em casa, aquelas pessoas que não podiam carregar, recebiam essa cesta em casa e pagavam uma grana para os carregadores também, para ganhar alguma coisa nesse processo.

Itamar Silva - 0:38:26

Depois, outro problema é a questão do gás. Aqui no Santa Marta, como em outras favelas, o gás é muito caro. Pobre no Rio de Janeiro paga gás muito caro. A discussão é longa, mas a gente tem que evidenciar isso. Então aqui a gente colocou também na cesta 100 reais para a compra de gás.

Itamar Silva - 0:38:46

Então a gente cuidou dessas 50 famílias com uma cesta de qualidade, a entrega em casa e 100 reais para o gás. Então isso permitiu que a gente fizesse um debate sobre os limites e os desafios da organização da própria localidade para enfrentar a questão da pandemia.

Itamar Silva - 0:39:09

Outra coisa que a gente fez também foi quando começou aquela discussão quem está morrendo, quantos estão morrendo, a gente quis entender também o que estava acontecendo no Santa Marta, qual era a nossa especificidade. Por que aqui estava morrendo

menos gente do que, por exemplo, na Cidade de Deus ou na Maré?

Itamar Silva - 0:39:26

Então a gente fez um levantamento, a gente escolheu em dois meses a gente foi atrás de todas as pessoas que morreram nesse período e para pegar o cestão de óbito e saber do que elas tinham morrido. Então foi um processo interessante também porque a gente pôde conversar com famílias e descobrir coisas que a gente, de repente, não sabia.

Itamar Silva - 0:39:48

Situações complicadas, pessoas morando, por exemplo, uma pessoa que tomava conta de criança em uma casa com um quarto, uma sala e um banheiro, tomava conta de oito crianças. Isso em plena pandemia porque as mães tinham que trabalhar.

Itamar Silva - 0:40:04

Você fala, isso é uma loucura. Porque como é que esta pessoa que não pode garantir a sua isolamento, como é que ela vai garantir o isolamento dessas crianças, mas essa é uma realidade. As mães dessas crianças tinham que sair para trabalhar e as creches estavam fechadas.

Itamar Silva - 0:40:22

Então a única possibilidade era essa. Isso. Depois, gente com depressão. A gente nunca tinha discutido depressão aqui no Santa Marta. Nunca. Mas você vai descobrir um pouco nesse processo de atrás das mortes, gente que está em casa e que não está com Covid, mas está com outros problemas.

Itamar Silva - 0:40:43

Depressão, problemas que são anteriores também e que ela precisava dar uma chacoalhada nisso. Então isso foi importante para a gente também para entrar numa discussão mais ampla, que a gente pôde cruzar isso com outras favelas também, outros processos, de falar dos limites em que a gente enfrentou nesse tempo da pandemia.

Itamar Silva - 0:41:06

Com tudo que foi feito, com todas as experiências bacanas, mas ainda se revelou um pouco o quanto que as favelas são ainda invisíveis na sua completude no geral. Da sua complexidade também, porque as pessoas se perguntam, mas como que não pode isolar?

Itamar Silva - 0:41:25

Olha para a densidade das favelas, olha para as condições, entendeu? A quantidade de cômodo das pessoas que moram e olha o esforço que elas fazem para manter alguma qualidade de habitabilidade aí. Então assim, ainda há muito que se falar e aprender sobre favelas no Rio de Janeiro.

Itamar Silva - 0:41:43

Eu acho que a pandemia chamou atenção para isso, quer dizer, com todas as coisas bacanas que aconteceram, mas eu acho que ainda são limitadas. Precisa dar um mergulho mais profundo na complexidade do que é a favela no Rio de Janeiro.

Wikifavelas - 0:41:56

Então você identifica que no campo da saúde a gente ainda precisa de alguma forma avançar no entendimento da especificidade das favelas?

Itamar Silva - 0:42:09

Eu acho que sim, Mônica. Eu acho que a saúde... Eu acho que se a gente pode falar alguma coisa boa nesse período pandêmico é o local, a centralidade que a saúde ganhou. Centralidade um pouco da amplitude.

Itamar Silva - 0:42:25

A gente não fala de saúde não é só porque estou doente ou estou com Covid, mas qual é a saúde que a gente quer para essa população? Então você tem que olhar para a favela e olhar quais são as condições que essas pessoas vivem. O que é que ela come? Como é que ela dorme?

Itamar Silva - 0:42:42

Onde que ela dorme? Como é que ela se articula nesses espaços internos? Mesmo, volto a dizer, com a questão das clínicas da família e tudo mais, eu sinto que ainda existe um certo afastamento por uma luta por uma saúde de qualidade.

Itamar Silva - 0:43:03

Pela qualificação da saúde dentro das favelas. A gente ainda vive na borda da não doença. Isso basta. Isso não basta porque, na verdade, você está acumulando uma série de marcas que estão contribuindo para a sua não saúde. Então, eu acho que esse é um momento importante para a gente tentar mergulhar mais profundamente nesses territórios com essa

bandeira da saúde.

Itamar Silva - 0:43:30

Porque a gente está falando de uma coisa mais ampla. A gente está falando da saúde como como todo o movimento da reforma sanitária pregou que saúde não é só a ausência de doença, mas que saúde é essa coisa que é a qualidade de vida que você tem e a capacidade que você tem de viver bem onde você está.

Itamar Silva - 0:43:53

Então, isso eu acho que falta e é um momento interessante para a gente pensar.

Wikifavelas - 0:43:58

Eu queria que você falasse um pouquinho do papel estratégico da comunicação nesse período. Não só nesse período, você pode também avançar na sua resposta sem problema nenhum. Mas eu queria que você desse ênfase nesse período e, de modo geral, o papel da comunicação nessa luta como uma ferramenta importante na militância.

Itamar Silva - 0:44:25

A gente vive num momento em que parece que a grande chave que foi virada é que hoje a comunicação é falar de campos virtuais, falar das redes sociais e tudo mais e que está tudo resolvido. Porque as pessoas acessam e as pessoas falam a partir.

Itamar Silva - 0:44:43

Eu acho que a pandemia, e é importante a gente pensar que as experiências bacanas que aconteceram no campo da comunicação na pandemia, elas se deram exatamente de uma forma diferente. Elas se deram pelas faixas, deram pelos painéis um pouco, o painel de controle, as faixas chamando a atenção para isso e cada local buscou produzir algum tipo de veículo de comunicação que falasse diretamente no cotidiano daquelas pessoas.

Itamar Silva - 0:45:14

Aqui no Santa Marta, quando a gente lançou o teleatendimento, a gente também teve um teleatendimento aqui e a gente tem redes sociais, colocamos nossas redes sociais, mas a gente falou que isso não basta. A gente fez cartaz, o velho cartaz, velho e bom cartaz, e a gente saiu colando na parede, nas pessoas, porque esse processo de colar é o processo mesmo de conversar com as pessoas, é o processo de você se conectar com as pessoas e isso é impressionante, que nós temos essa experiência no jornal Eco lá da década de 80, 70, 80, mas a gente retomou isso nesse período, porque começou a restabelecer esse contato direto

com as pessoas,

Itamar Silva - 0:45:54

isso eu acho que é fantástico. Claro que também é a forma que você tem de desmistificar as mentiras, a coisa das fake news, mas não com a mesma arma, mas com outros instrumentos, que é o instrumento direto, porque é muito facilmente você cai na armadilha de usar o mesmo instrumento para poder falar que aquilo que está sendo veiculado é mentira, é uma fake news.

Itamar Silva - 0:46:22

Então, em quem eu acredito? Você está na mesma plataforma, então é preciso, e eu acho que as favelas deram um banho nessa história, várias iniciativas bacanas, porque teve-se a oportunidade de falar diretamente para as pessoas, para o seu vizinho, entendeu?

Itamar Silva - 0:46:39

Para a sua comadre, para colar na sua igreja, colar no seu clube, então esse contato da comunicação que eu acho que hoje a gente precisa rediscutir comunicação comunitária. Eu acho que é bacana, porque tem amigos nossos, como o Gisele, por exemplo, que toca essa parada da comunicação comunitária, eu acho que isso é muito importante para a gente ver quais são os instrumentos que a gente vai utilizar para poder levar à frente esse tema da comunicação comunitária.

Itamar Silva - 0:47:13

Porque, é claro, a gente não pode abrir mão das redes, a gente pode abrir mão do campo virtual, mas a gente tem que se dar conta que também o exercício do cotidiano, o contato direto, a questão da produção da própria leitura, para quem é que a gente escreve?

Itamar Silva - 0:47:29

Ou quem é que consegue decodificar o que a gente escreve? A gente está dialogando diretamente com os nossos, e eu costumo dizer que a gente acaba perdendo o nosso território. Eu faço isso de provocação, porque eu acho que a gente também ganha nosso território, mas eu quero insistir nisso para a gente não abrir mão desse campo de luta, que ele é fundamental.

Itamar Silva - 0:47:52

Próximo da gente, nosso local, nosso território, esse enfrentamento tem que estar no cotidiano, porque é isso que vai transformar grandes esferas. E é isso que a gente vai conseguir impactar e chegar, por exemplo, no debate sobre a comunicação virtual com um

acúmulo, com uma bagagem diferenciada.

Wikifavelas - 0:48:11

Santa Marta Favela Modelo, a partir do advento da Unidade de Polícia Pacificadora, e o Santa Marta ganha o mundo, e as páginas dos principais jornais, os debates, seja na universidade, nas rodas de conversa, na favela, o mundo parou para olhar para o Santa Marta.

Wikifavelas - 0:48:36

A gente lembra que o mundo parou para olhar para o Santa Marta quando o Papa esteve aqui, quando o Michael Jackson esteve aqui, mas o advento da UPP joga o Santa Marta num lugar de favela modelo.

Wikifavelas - 0:48:53

Eu queria que você falasse sobre isso.

Itamar Silva - 0:48:56

Eu acho que o mundo já estava olhando. Quando o Michael Jackson veio aqui, foi um show. O mundo todo olhou e foi super bacana. Eu quero registrar isso. Eu fui um dia feliz no Santa Marta. O dia do Michael Jackson no Santa Marta foi um dia feliz. Todo o resto a gente pode conversar.

Itamar Silva - 0:49:13

Mas enfim... Certamente Santa Marta é coisa da favela modelo. A experiência da UPP aqui no Santa Marta foi muito... Como é que eu posso qualificar isso?

Itamar Silva - 0:49:29

A gente primeiro levou um susto. Não que a gente não estivesse acostumado com polícia no Santa Marta. Tivemos o período das grandes guerras aqui no Santa Marta. O mundo também já se alimentou dessa informação. Quando em 2008, em novembro, a polícia chega no Santa Marta com uma quantidade de policiais alguém falou que tinha muita polícia lá em cima.

Itamar Silva - 0:49:53

Eu falei que estava bom. Qual a novidade? Mas no dia seguinte já era diferente. Porque no dia seguinte já corria uma notícia de que tinha muitos policiais e que vinham mais. O Santa Marta, pela sua visibilidade anterior, e por ser uma favela também de pequena para média,

serviu como um balão de ensaio.

Itamar Silva - 0:50:23

Eu acho que aqui... Eu acho que eles não tinham pensado claramente sobre essa questão da UPP, não. Eles pensavam em fazer lá uma jogada, ocupar e tudo mais. Mas, enfim, só que deu tão certo, a mídia começou a falar tão bem, imediatamente, três dias depois tinha notícias no jornal que o Santa Marta estava ocupado e não teve um tiro.

Itamar Silva - 0:50:44

Não teve um tiro. Por quê? Malandro que é malandro sabe quando é hora de recuar. Muita gente recuou, se escondeu daqui da Colá e a polícia veio e ficou. Sentou praça ali naquele local e aí começou um processo que todo mundo acompanhou, que isso virou uma política do Estado pra favela, a partir do Santa Marta.

Itamar Silva - 0:51:12

Aqui tinha no início 120 policiais. Eram 120 policiais no Santa Marta. Mas, assim, muito rapidamente eles mostraram a sua face, vamos dizer, menos amiga.

Itamar Silva - 0:51:29

É o controle do território, o controle do local. O que pode, o que não pode. Isso aqui não pode, tem que pedir permissão. Isso começou a ter alguns constrangimentos, que não tinha nada a ver com o tráfico, mas tinha a ver com a vida cotidiana aqui, com as impossibilidades que apareciam.

Itamar Silva - 0:51:48

Então, o baile foi proibido, você tinha que pensar muito claramente o que falar, tudo mais. Enfim, e aí, depois, logo vieram as câmeras também. Aqui o Santa Marta foi o primeiro lugar que se colocou câmeras. Eu lembro que o Eco fez uma campanha a...

Itamar Silva - 0:52:10

"O olhar que não vale um milhão", ou "que vale um milhão", a gente fez uma campanha e colocamos uns cartazes pelo morro, fizemos debates sobre isso, tentando enfrentar. E aí a favela começou a ser chamada pra conversar com a comandante.

Itamar Silva - 0:52:27

Mulher, negra, Priscila, virou o ícone da UPP e tudo mais. Eu, na verdade, nunca fui pros debates, eu resistia. Falei, não vou pra debate, não me interessa. Eu fui uma vez numa

reunião ali na laje do ambulatório, e estava lá, certamente ela me conhecia já, sabia de mim, e eu fiquei ouvindo aquela história lá porque era muito...

Itamar Silva - 0:52:57

Era um misto de... Era um misto de encenação, de mostrar um pouco uma certa aproximação que, na verdade, tinha muitos buracos, tinha muitas imprecisões.

Itamar Silva - 0:53:15

A Priscila, a comandante aqui na época, ela é a madrinha de várias crianças aqui no Santa Marta. Porque virou a mãe. A mãe porque ela passou a ter um procedimento de tentar convencer as mães a tirar seus filhos do tráfico, uma garota ou outra.

Itamar Silva - 0:53:35

E essa referência me incomodava muito porque eu sempre dizia, o lugar da polícia... Polícia é polícia. Polícia não é assistente social, polícia não é sociólogo, polícia é polícia. Ele tem uma norma que ele deveria deveria se ocupar daquilo, cumprir aquilo.

Itamar Silva - 0:53:53

Porque quando você mistura, você dá essa flexibilidade, você cria uma certa uma... uma lamaceira que tudo pode, nada pode e tudo pode. Então é isso, um pouco policiais que é um legal, mas não pode. Você é legal desde que você faça o que eu estou dizendo.

Itamar Silva - 0:54:11

Então, aqui no Santa Marta a gente teve um processo bastante... houve muito enfrentamento. Fiel criou a cartilha, um pouco a cartilha para poder... fizemos campanha. Então, assim, podemos dizer que aqui a gente fez um debate e um enfrentamento público dessa polícia que tentou vender aqui um peixe que era um pouco da ocupação de paz, da ocupação sem tiro, ocupação sem violência.

Itamar Silva - 0:54:44

Nós aqui temos poucos, poucos casos em que a polícia foi... teve o fechamento da nossa... da rádio aqui, a UPP cumpriu um papel que não foi papel, era de constrangimento ali.

Itamar Silva - 0:55:00

Entendeu? Naquele espaço. Então, assim... Então a UPP para a gente foi uma... uma... uma promessa que não se cumpriu. Não se cumpriu no sentido de...

Itamar Silva - 0:55:16

Da sua... de construção de uma nova... de uma nova relação com a polícia. Mas ela é diferente de outras favelas. E eu acho que isso é importante a gente dizer. Porque quando eles aqui, eles ainda mantiveram uma certa...

Itamar Silva - 0:55:32

A palavra não me vem agora. Mas eles mantiveram um certo controle dos próprios policiais. O que eles não conseguiram fazer em outras favelas. Não fizeram em outras tantas favelas. Um pouco... Muito rapidamente, a deteriorização desse policial que era novinho, que não tinha os vícios, esses vícios se afluaram com muita força.

Itamar Silva - 0:55:57

A gente tem, talvez, a coisa mais forte disso é o Amarildo. A morte do Amarildo, que se explicitou um pouco esse conluio e essa perversidade e essa repetição do mesmo que estava no corpo dessa polícia. Então, nós aqui do Santa Marta, eu volto a dizer, a gente não teve essa experiência.

Itamar Silva - 0:56:16

Aqui a coisa foi do controle, de tentar controlar e evitar. Mas não teve esse ataque direto. Mas, muito rapidamente, ficou claro que essa política não se sustentaria um pouco fora desse lugar tão controlável, tão pequeno, tão ao alcance das mãos.

Simone - 0:56:38

Deixa eu só falar uma coisa dessa história toda, assim, que mais nos incomodou e que a gente debatia muito era isso. Ah, que foi a partir de agora existe isso aí. Agora está existindo isso aqui, agora que chegou como se as coisas estivessem acontecendo e começassem a acontecer a partir disso.

Simone - 0:56:59

Não. E foi uma coisa que a gente discutia muito, a gente mostrava que não. Isso já existia, a gente já fez há muitos anos atrás, o ECO já existe no Santa Marta há mais de não sei quantos anos, que agora a gente tem mais de 45 anos. Então, desde 1977 que existe o grupo ECO aqui.

Simone - 0:57:16

E a gente foi mostrando o que a gente já fazia. Principalmente, eles adoravam perguntar pra gente exatamente isso. Ah, vocês estão gostando disso? Não. A gente já faz isso. E tal ano a

gente fez isso, está aqui. E tal ano a gente fez isso, está aqui. Então, isso era uma coisa que nos incomodava muito, que sempre falava essa questão, não sei nas outras favelas, mas aqui, nossa, isso me irritava, e a gente debatia muito com o grupo, e a gente se incomodava tanto com isso que a gente tinha que falar, e é um ponto que eu nem sempre falo sobre isso, eu gosto de falar.

Simone - 0:57:48

E outro ponto é lá em cima que é a base 10, como eles chamam de base? A UPP. A UPP é a base lá em cima do FICO, que era o que a gente estava construindo, estava funcionando, não sei o quê, uma creche lá. E a gente teve embate também, coisa com o pessoal também lá de Laranjeiras.

Simone - 0:58:06

Então, quando eles ocupam aquele espaço, eu ocupo o que seria uma creche. Então, é outra questão também que eu não vou esquecer e não posso falar. Deixar ninguém esquecer

Simone - 0:58:16

E deixar de se informar desse

Simone - 0:58:17

Assunto. Pode ser que um dia a gente consiga reaver,

Simone - 0:58:21

Mas sei que nunca...

Simone - 0:58:22

Retomar, retomar. Entendeu? Mas a gente teve um processo também de luta para aquele espaço e, de repente, a gente viu sem nada porque a gente não foi informado, entendeu?

Vony Lopes - 0:58:32

É. Assim, só para poder, assim, um complemento do que a senhora está falando. Assim, a gente não acreditou em Papai Noel, a verdade é essa, né? A gente sabia que isso aí é um conto de fadas e não sei para onde caminharia isso. Enfim, a gente está vendo o resultado agora aí. Mas o que também, assim, só para registrar o incômodo que eu fiquei assim, de vez em quando eu falo, quando eu tenho oportunidade, é que pegaram a Capitã Priscila, colocaram em uma capa de uma revista dizendo que ela era a mulher modelo do Santa

Marta.

Vony Lopes - 0:58:59

E a gente aqui no Santa Marta tem várias mulheres, né? Assim, aí eu cito a Geralda, que hoje não está mais conosco, está morando aqui no Meier, né? Ela estava uma senhora de setenta e poucos anos, que virou muito concreto para construir essa associação de moradores, virou muito concreto para construir aquele laboratório que hoje chama lá de Michael Jackson, que nós carregamos tijolo por tijolo, né?

Vony Lopes - 0:59:20

E viramos massa junto, claro, com os profissionais para poder... A Geralda foi funcionária do Macrest aqui embaixo, que cuidou de crianças pra caramba aqui no Santa Marta. Não tem esse status de mulher modelo do Santa Marta, que para mim seria quem deveria estar naquela capa daquela revista.

Vony Lopes - 0:59:38

Aí me vem a Capitã Priscila ali. Cara, aquilo ali me deixou indignado, entendeu? Dois anos aqui fazendo essa coisinha aí e aí sai na capa da revista. Mas porque a mídia estava jogando as luzes em cima disso, entendeu? Agora, realmente, as pessoas que eram protagonistas desse trabalho não apareciam, entendeu?

Wikifavelas - 0:59:56

Pensando todo esse caminho que você traça até aqui nas suas respostas, junto com a Sheila, com o Rony e com a Simone, eu queria que você falasse um pouquinho dessa favela hoje. Não, é uma pergunta nova.

Wikifavelas - 1:00:13

Essa pergunta, ela vem acompanhando as favelas e a militância há um tempo. Muitas reconfigurações, muitos atravessamentos. A gente falou de muitos aqui no depoimento de vocês, mas o que é a favela hoje?

Itamar Silva - 1:00:32

Agora você deu um gancho que eu lembrei do Velho Machado. A favela venceu, mas a pergunta é, e os seus moradores? Porque, é claro, a favela venceu porque, se você olhar, pensar o Rio de Janeiro, as favelas ocuparam um lugar no cenário da cidade que é incontestável.

Itamar Silva - 1:00:58

Pode não gostar, gostar, não gostar, incontestável. A gente, a coisa do Rio pré-olímpico que tentou esconder favela, mas hoje você vê outras reportagens, outros anúncios que já incorporam a favela na sua dimensão de beleza, da cidade e tudo mais.

Itamar Silva - 1:01:16

Então eu digo sempre que o Rio é uma cidade muito particular porque ele não permite esconder essa desigualdade louca que a gente tem para o bem e para o mal. Primeiro que tem uma dinâmica urbanística de beleza que eu gosto.

Itamar Silva - 1:01:32

Eu gosto de cidades que tem morro e mar. Essa é minha paixão. Então o Rio de Janeiro é isso e onde tiver isso eu vou estar sempre gostando. E agora tem uma questão da qualidade desses locais e com o direito que esse local é... voltando... mas com a qualidade desses locais.

Itamar Silva - 1:01:51

Então eu digo que a favela venceu porque ela está estruturada na cena. Não dá para pensar em remoção, acabar, apagar a favela. Não dá. Isso é impossível. Engana quem pensa isso. Por outro lado, a gente pode perguntar e os seus moradores?

Itamar Silva - 1:02:08

Conquistaram o seu direito, a sua cidadania plena nesta cidade? Esses que vivem nas favelas em sua maioria, podem bater no meu peito e dizer eu sou cidadão com plenos direitos? Aí eu digo que há muito o que se discutir ainda e há muito o que se entender.

Itamar Silva - 1:02:28

Como é que você tem um processo de consolidação desse segmento enorme na cidade e você ainda convive com uma ausência de direitos nesses territórios, onde é possível ainda uma atuação do braço armado do Estado de uma forma absurda, completamente violenta, descaso.

Itamar Silva - 1:02:54

É como se ali as leis, os direitos não tivessem nenhuma validade. Essa é uma dimensão. Como é que a gente ainda, depois de mais de 100 anos de favela, ainda tem uma cidade, um Estado que se surpreende, e isso a pandemia mostrou pra gente, surpreende que essas pessoas vivam daquela forma.

Itamar Silva - 1:03:14

Há um desconhecimento um pouco da conformação, da forma, da estruturação das favelas, desses moradores. Quem são, por que vivem, quantos vivem e tudo mais. Então, esse limite que eu acho que está colocado, a favela hoje, ela está exigindo um pouco mais vamos dizer aqui, que ela precisa se mostrar na sua complexidade.

Itamar Silva - 1:03:45

Eu acho que é isso que a gente precisa entender. Porque ela está aí, não tem jeito, favela venceu, está tranquilo. Ela vai aparecer em todos os cartões postais e tudo mais. Mas quem é que está vivendo, eu vou dizer pra você uma coisa, eu me surpreendo aqui no Santa Marta às vezes.

Itamar Silva - 1:04:02

Meu desconhecimento com algumas condições de vida, condições de moradia no Santa Marta. Eu estou falando de um lugar que eu nasci, eu estou falando de um lugar que eu fui presidente, falando de um lugar que eu circulo, mas eu ainda, Mônica, me surpreendo às vezes, quando eu chego e vejo que uma pessoa mora num purão que não tem janela completamente.

Itamar Silva - 1:04:25

É um banheiro e uma sala e a pessoa vive aí com duas crianças. Mas isso acontece aqui no Santa Marta. Mas está escondido ali. Isso eu estou para falar o mínimo.

Itamar Silva - 1:04:41

Mas tem outras situações aqui que estão colocadas que a gente vai escondendo essa glamorização da favela, ele acaba vai escondendo também uma desigualdade, é perverso que vai escondendo uma pobreza, vai escondendo umas condições de moradia que são muito piores.

Itamar Silva - 1:04:59

Você vai na minha casa, minha casa é super bacana, minha casa é grande, é arejada e tal, tal, tal. Eu moro na favela, como sempre morei, mas já morei em barraco de madeira também. Mas assim, hoje eu posso falar que a minha casa pode estar em qualquer outro lugar, mas isso não quer dizer que todo o Santa Marta está nessas condições.

Itamar Silva - 1:05:21

Entendeu? E eu estou falando de Santa Marta, uma favela de Zona Sul, está aqui no coração

da Zona Sul, uma favela que sempre foi muito bem articulada com o seu entorno, tem muitos benefícios, é impressionante como é que as coisas chegam facilmente no Santa Marta. Isso é uma diferença gritante com essas favelas que estão aqui no coração da Zona Sul e com as favelas que estão mais distantes.

Itamar Silva - 1:05:43

Porque a comida chega mais rápido, a oferta de emprego chega mais rápido, as escolas estão mais próximas, tem qualidade e tudo mais. Mas mesmo assim, você ainda tem um desafio enorme que é para falar de cidadania, entendeu?

Itamar Silva - 1:06:02

Então, para mim, acho que esse é o desafio que as favelas de hoje estão exigindo. E só para fechar essa história, eu acho que para nós de favela, nós moradores que temos essa trajetória, tem um momento que é pensar na nossa organização, na nossa coletividade.

Itamar Silva - 1:06:23

Eu acho que hoje nós temos um déficit de reflexão interna, vou falar a partir do Santa Marta, mas também de outras favelas que eu conheço, que é encontrar qual é a conexão, o que é que vai fazer esse amálgama dessas nossas relações coletivas, o que nos fez como população coletiva, legal, vizinhança e tudo mais, onde é que isso está se perdendo?

Itamar Silva - 1:06:49

O que a gente está fazendo com esse legado que é nosso, que é o legado de construção coletiva, que é o legado de apoio mútuo, onde é que a gente está deixando isso ir para o ralo? E o que a gente coloca nesse lugar, nessa construção, para que esse lugar continue ostentando o lugar que faz uma diferença do que está fora da favela?

Itamar Silva - 1:07:10

Eu lembro que antigamente, meu amigo dizia, eu moro num prédio que eu não conheço o meu vizinho, nem sei quem é, você aqui conhece uma, é verdade, mas isso talvez esteja mudando.

Itamar Silva - 1:07:28

Então, qual o significado dessa mudança? O que a gente quer preservar quando você coloca uma grade na sua janela, quando você fecha a sua porta, quando você não tem mais o vizinho para deixar teu filho do lado tomando conta, sua janela aberta?

Itamar Silva - 1:07:44

O que está mudando de fato? Então, volto à pergunta inicial. O que está acontecendo com esses moradores, com essa população que vive, que habita esse lugar que se impôs na cena da cidade?

Wikifavelas - 1:07:59

Eu acho que, complementando um pouquinho esse assunto, acho que a relação com a juventude é também um tema. Então, eu queria que você falasse um pouquinho dessa relação intergeracional, até porque o Grupo Eco tem na sua história, na sua trajetória, em toda a sua atuação, uma relação muito forte com as juventudes, com as juventudes que vocês foram, com as juventudes que vieram depois e as que estão chegando.

Wikifavelas - 1:08:32

Então, de modo geral, nessa favela que vem se transformando também como todos os outros grupos humanos, as suas relações, qual é o papel das juventudes nesse momento, nessa favela hoje, com todos esses elementos que você apresentou na sua resposta e na relação com a continuidade?

Itamar Silva - 1:08:56

Eu acho que a gente vive... Como a gente vive atrás da juventude eterna, a fonte da juventude, um pouco, eu acho que isso que move o mundo, eu acho que aqui no campo político também a gente acaba um pouco voltando a essa mesma roda, atribuindo à juventude a responsabilidade do passo seguinte, um pouco do salto que você gostaria.

Itamar Silva - 1:09:20

Eu estava começando com um amigo meu ontem, ele é sueco, e ele estava falando um pouco da crise, que não é dele só, é nossa também, é de muitos. Quem é que vai carregar esse bastão progressista na próxima geração?

Itamar Silva - 1:09:42

Quem é que vai ser essa juventude que enfrentou uma ditadura, essa juventude que mudou costumes? Onde é que está essa juventude? Porque quando a gente olha no contexto geral, simplificando bastante, a gente está muito mais para um outro formato, outra adequação, ele está falando da experiência dele lá na Suécia, de que eles não têm dúvida de que daqui a 10 anos esses jovens vão estar votando mais à direita, porque as pesquisas já estão mostrando lá como é que é crescente o jovem entre 25

Itamar Silva - 1:10:23

e 35 anos, como é que os votos são muito conservadores. A gente aqui, eu não conheço estudo um pouco nessa direção, mas vamos falar do que a gente percebe aqui, um pouco no nosso campo político.

Itamar Silva - 1:10:40

Também como é que muitos jovens aqui do Santa Marta, por exemplo, buscam as igrejas, por exemplo, igrejas evangélicas, algumas neopentecostais, mas não só, mas você tem um apelo pela religião que é muito estranho, porque é o momento em que você tinha uma juventude que negou a religião no processo minha juventude, por exemplo, eu até acompanhei a Teologia da Libertação, mas tinha uma coisa revolucionária ali, por isso que me movia, mas assim, os dogmas da igreja, elas

Itamar Silva - 1:11:20

não, eu tinha problemas com aquilo e hoje você tem uma retomada desse lugar da religião, mas muito mais pro lado conservador, aí a disputa das próprias religiões não tem alimento pra discutir isso, mas esse é um caminho.

Itamar Silva - 1:11:38

O que a gente não sente é essa força contestatória, vamos a revolucionária, revolucionária, eu não sinto isso em geral, e quando a gente olha pra nossa pequena território aqui, nossa pequena revolução aqui, também eu não sinto isso.

Itamar Silva - 1:12:02

O Eco, o Grupo Eco, sempre teve nós ficamos jovens quando formamos o Grupo Eco e formamos uma situação muito adversa. A primeira eleição que a gente concorreu aqui no Santa Marta, em 81, a gente enfrentou quatro chapas. Duas delas tinha gente do tráfico, ou ligada ao tráfico e tudo mais, mas a gente enfrentou isso.

Itamar Silva - 1:12:26

A gente fez aqui o nosso tempo de gestão aqui, os dez anos de 81, 89, no Santa Marta, que as coisas estavam mudando também, a própria questão do tráfico estava mudando aqui, nesse período muito fortemente. A gente se sustentou aqui e com uma certa com uma certa bravura.

Itamar Silva - 1:12:45

Na última eleição que Vony se candidatou, nós fomos contrários, nós não queríamos que ele

se candidatasse, porque a gente achava que não dava mais. Mas o coletivo decidiu, foi lá, mas algumas pessoas no morro falaram assim, eu não vou votar em vocês, porque eu gosto muito de vocês.

Itamar Silva - 1:13:03

Porque ficou feio. De lá pra cá, o que a gente criou aqui foi uma ambiência, um campo, que foi o Grupo Eco, em que esses jovens foram acolhidos, alguns jovens foram acolhidos e a gente foi fazendo coisas, é bacana.

Itamar Silva - 1:13:23

Mas eu acho que é limitado, pensando hoje, estou pensando agora, a gente sente um certo limite de atração, porque a gente continua discutindo política, a gente continua pensando Santa Marta, mas de uma perspectiva política, a gente é posicionado aqui dentro, a gente não aceita qualquer coisa, a gente não engata em qualquer proposta, a gente é chato, a pessoa é chata, lá vem eles perguntar coisas, quer saber de tudo, entendeu?

Itamar Silva - 1:13:54

Então a gente mantém vivo esse germezinho do questionamento. Mas a gente está vendo que isso não está sendo bastante para atrair os jovens. Tem jovem no Santa Marta, tem jovem no Eco, vai entrar mais adolescente, mas estou falando como um movimento, como adesão, que vem pela paixão, eu não sinto isso, não sei se você está falando, a gente não vai discutir isso, mas a gente, eu não sinto essa paixão assim, é claro que em alguns momentos vão usar o Eco, porque é legal, é importante, é uma ponte, é um caminho para conseguir isso ou aquilo ou outro, mas a paixão por um

Itamar Silva - 1:14:34

posicionamento, por um processo continuado, eu acho que a gente tem um desafio grande ainda pensando nas juventudes. E não é uma questão das juventudes pobres, eu acho que é uma questão, eu acho que é mais geral, eu acho que é mais geral e que tem a ver com uma, não sei, com uma dinâmica mundial, eu acho que é mudanças climáticas.

Vony Lopes - 1:15:01

Está mudando o clima então?

Wikifavelas - 1:15:04

Climática ou falta de perspectiva de futuro?

Itamar Silva - 1:15:14

Ou isso, talvez falta de perspectiva, falta de utopias, construção de utopias, um pouco, porque está tudo de uma forma muito imediata, eu entro num grupo para poder conseguir uma vaga, para conseguir uma bolsa, para conseguir isso, aquilo ou outro, mas para além disso você não consegue se empolgar, não consegue desenhar um futuro.

Itamar Silva - 1:15:33

Então aquilo que a gente dizia, lá na década de 80, de 90, para os jovens, você tem que construir o seu plano, a tua vida tem um plano, qual é o teu plano de vida? E aí o cara botava ali uma série de coisas, podia sonhar com isso. Hoje, qual é o teu plano de vida?

Itamar Silva - 1:15:49

Se eu pergunto para o jovem, qual é o seu plano de vida? Eu não sei dizer para ele quais os caminhos que ele tem que trilhar, entendeu? Mas assim, eu ainda de uma forma muito utópica, sonha, cara, ousa, entendeu?

Itamar Silva - 1:16:07

Chuta o balde, é isso mesmo, pensa longe, o que é essa realidade, que outra realidade é possível? Eu acho que a gente falta, ainda falta agora, principalmente, a gente realimentar sonhos, ou recolocar a dimensão do sonho como uma dimensão política.

Itamar Silva - 1:16:24

Não é uma questão bobinha, não, é uma dimensão política mesmo, entendeu? A gente tem que sonhar que é possível ter uma sociedade melhor, é possível que as relações entre a gente sejam melhores, independente se você ganha pouco ou muito, mas de que a gente está falando? De qualidade de vida, de estar junto, são alguns elementos que são na essência do que para mim construiu a minha vida, que é coletivo, que é estar bem com o seu próximo, não morrer de fome, claro, é isso, mas enfim, eu não tenho resposta para essa pergunta, mas eu acho que a gente tem que perseguir essa questão,

Itamar Silva - 1:17:05

essa pergunta, e tentar trazer os jovens para que eles digam, para que eles formulem algum caminho, porque eu já não dou mais conta, entendeu?

Wikifavelas - 1:17:18

Não dou. Itamar, você trouxe uns objetos, para além de Simone, Sheila e Volnei, você trouxe

alguns

Itamar Silva - 1:17:30

objetos de memória. Eu trouxe o meu passaporte, Mônica, e a minha carteira de identidade. Eu fui trabalhar à tarde, eu fui trabalhar com 17 anos, meus irmãos, mais novos, trabalhavam com 14, 15 anos, jornal, eu nunca vendi jornal, Globin, nada, nunca fiz isso, eu fui trabalhar com 17 anos, já fui velho, trabalhar mais novo, porque situações complicadas.

Itamar Silva - 1:17:55

E eu gosto muito dessa carteira de identidade, porque Simone estava dizendo, eu gosto muito do meu cabelo, isso aqui é Black Power, eu sempre usei sempre usei cabelo Black Power. E aí o pessoal diz, Itamar, você nunca saiu dessa moda, eu falo, acho que a moda é que nunca saiu de mim, porque meu cabelo é sempre esse, entendeu?

Itamar Silva - 1:18:17

Eu gosto, na verdade, e é muito engraçado, porque eu não tinha tanta consciência, não era um discurso político, consciência de que é importante afirmar uma identidade. Eu achava bonito, realmente achava bonito, cabelo grande e tudo mais, trançava, depois ouriçava o cabelo e tudo mais, e curtia a minha vida inteira.

Itamar Silva - 1:18:42

Então a identidade pra mim tem um peso bacana, e com a identidade eu tirei também carteira profissional, eu aos 17 anos tinha uma carteira profissional assinada. Eu desde os 17 anos até me aposentar, carteira profissional assinada, bem trabalhada.

Itamar Silva - 1:19:05

Mas o que eu trouxe pra cá, que eu achei bacana, é o meu primeiro passaporte, que está colado com o segundo passaporte. Pra dizer que eu tirei esse passaporte em 85. Eu nunca tinha andado de avião, gente.

Itamar Silva - 1:19:25

1985, eu nunca tinha andado de avião, eu nunca tinha viajado. Minha viagem era a Padre Miguel, minha tia, nem a região dos lagos eu frequentava. Então quando eu fui convidado pra participar do 12º Festival Internacional da Juventude em Moscou, aí eu peguei, né?

Itamar Silva - 1:19:48

Tive que tirar passaporte, aí fui tirar passaporte e tudo mais. A primeira vez que eu subi no

avião... A primeira vez que eu subi no avião eu saí de Buenos Aires direto pra Moscou.

Itamar Silva - 1:20:10

Eu atravessei a linha do Equador no avião da Aeroflot. Eu tava indo ainda pra Rússia, eu tava indo pra um país que não tinha relações comerciais com o Brasil, por isso a Aeroflot, que era a empresa russa, não fazia posto comercial no Brasil.

Itamar Silva - 1:20:33

E aí tudo pra mim era novidade, eu era um pinto no lixo, porque do Brasil você tinha os movimentos, todos os movimentos de norte a sul representados ali. No avião tava, por exemplo, a Blitz tava no meu avião, Martinho da Vila tava no meu avião, Fagner tava no meu avião.

Itamar Silva - 1:20:58

Tinha um grupo chileno, pela primeira vez eu ouvia aquela música cantada por um grupo chileno que eu não conhecia, mas que aquilo me arrepiava. Então assim, é uma fantástica.

Itamar Silva - 1:21:15

E quando a gente chega em Moscou, meu passaporte, primeiro, não tá carimbado com a minha entrada na Rússia. Porque isso tinha uma preocupação com os militantes pra não serem perseguidos nas suas ditaduras.

Itamar Silva - 1:21:31

Vamos pensar na Argentina, no Brasil também. Então você tinha um passaporte auxiliar. Esse aqui que era o passaporte válido pra você a partir daquela entrada ali em Moscou, esse passaporte era o que dava permissão de circular pela cidade durante um mês.

Itamar Silva - 1:21:52

E esse aqui é o símbolo do Festival Internacional da Juventude. Isso pra mim era fantástico, essa experiência. Tinha muito souvenir ainda do Mischa lá, eu trouxe na época e tudo mais. Mas assim, o que...

Itamar Silva - 1:22:08

Tudo pra mim era fantástico em Moscou, tudo. O Parque Gorg, ver aquelas mulheres... Porque os casamentos, eles iam pro parque pra fotografar. Então eu ficava encantado ver casais, tudo apagamantado, fotografando no Parque Gorg aquilo ali. E eu tinha algumas

referências de literatura na minha cabeça.

Itamar Silva - 1:22:28

O Kremlin subia ali na Praça Vermelha. Quando eu cheguei na Praça Vermelha, eu olhei aquela igreja de São Nicolau, aquilo tudo me impactou. E eu olhava o Kremlin do lado, tudo pra mim era novidade. Mais uma coisa que me matou de emoção, na abertura, vamos todos pro Estádio Lenin.

Itamar Silva - 1:22:48

Estádio Lenin. E aí era noite, a gente ganha uma lanterninha, e aí quando começa, todas as luzes se apagam, e só as lanternas acesam, e começa a cantar a Internacional. Eu não sou comunista, a Internacional eu sabia, mas nunca tinha ouvido.

Itamar Silva - 1:23:10

Eu nunca tinha ouvido. E começa a tocar a Internacional, e as pessoas com todas de pé, todos nós, e as pessoas começam a chorar do meu lado, todo mundo chorando. E eu não entendia completamente tudo que estava acontecendo, mas eu também estava chorando. E aquilo é uma comoção, e tudo mais, e canta a Internacional.

Itamar Silva - 1:23:30

Eu saí dali e falei, tenho que descobrir isso, gravar isso. E foi um momento maravilhoso, que pra mim deu sentido em muitas histórias de amigos meus da esquerda que eu conheci aqui. E eu comecei a entender um pouco essas ligações.

Itamar Silva - 1:23:48

Então assim, foi pra mim um aprendizado de emoção, de política, completa. Eu fui a Patrícia Lumumba, que é a Universidade Internacional, tinham brasileiros também lá na Patrícia Lumumba. Então assim, eu voltei de lá sem saber o que fazer da vida, porque eu falei, caramba, o mundo é grande demais, entendeu?

Itamar Silva - 1:24:11

Mas a gente se encontra nesse mundo que é grande também. Então é isso que eu queria compartilhar com vocês. Costumo dizer que eu saio de Santa Marta pra gostar mais de Santa Marta. E isso não é retórica, mas é uma coisa que é emoção.

Itamar Silva - 1:24:29

Uma outra experiência. Eu fui pra um encontro convidado pela Light, discutir energia

elétrica, na cidade de Nice, na França. Só que Nice, eu vou ficar hospedado neste bichinho aqui.

Itamar Silva - 1:24:55

Você sabe o que é você chegar e ver esse bicho aqui parado, e você entra e tem uma cabine, eu nunca tinha imaginado uma cabine de um bicho desse tamanho. E eu falei, bom, já cheguei no céu, minha vida está feita, eu posso resolver tudo parado.

Itamar Silva - 1:25:15

E tal, tal, tal. Eu achava isso. Aí a gente ficou três dias nesse lugar, o quarto dia a gente tem que sair dele, porque ele ia zarpar. Então a última noite a gente fica no meridiano de Nice.

Itamar Silva - 1:25:32

Eu entrei no meridiano de Nice. Quando eu entrei no meu quarto, o meu quarto cabia a minha casa. Era uma... Eu, às vezes, não acreditava naquilo. Não acreditava naquilo. Acabou o encontro, eu vim embora, saí de Nice.

Itamar Silva - 1:25:52

Chego aqui no Rio de Janeiro, aeroporto Galeão, chovia cântaros, chovia, chovia, chovia. Pego um táxi que me traz até o pé da escada. Água na escada, descia aquela cascata de água.

Itamar Silva - 1:26:08

E eu tinha que sair do táxi com a mala. Eu saí do táxi, até me encostando ali na coisa de Santa Marta, a mala. E eu ria, porque eu falei, gente, como é que pode alguém que sai do meridiano de Nice e vem pro pé do Santa Marta com uma chuva.

Itamar Silva - 1:26:27

O que você faz nessa hora? Eu dobrei a calça, peguei a calça aqui, dobrei toda aqui, pra ficar aqui até no joelho. Botei a mala na cabeça e sumi a escada contra a água. Essa é a história, que o mundo...

Itamar Silva - 1:26:44

A gente sai e essas coisas... Claro, eu tava lá, é uma coisa muito artificial pra mim. Apesar de bonito, mas é artificial. Mas quando você volta pra tua casa, pra tua realidade, você fala, bom, isso aqui é tua vida. Mas você acumula também essas belezas, essas coisas de possibilidade.

Itamar Silva - 1:27:01

Eu curto muito. Todo lugar que eu vou que é bacana, eu curto e admiro. E isso faz parte da construção de quem sou eu também. De circular pelo mundo e voltar pra casa.

Wikifavelas - 1:27:14

Mas eu quero que você pense e vocês podem ajudar também, lugares de memória no Santa Marta, lugares importantes que marcam ao longo de toda essa jornada violência, luta e celebração.

Itamar Silva - 1:27:29

Eu acho que eu começo pela parte mais triste. A parte onde minha família tinha casa, onde eu também morei. O desabamento de 88. Foi um desastre, absurdo.

Itamar Silva - 1:27:45

E eu perdi minha avó, que morreu soterrado ali. E... Mais nove pessoas. Crianças e outras pessoas. Mas também pra mim foi muito impactante que eu ainda tava com a responsabilidade da Associação de Moradores.

Itamar Silva - 1:28:04

Mesmo tempo que eu tava dilacerado com tudo isso, eu tive que agir. Tinha que agir. E quando a gente pensa que a nossa situação é a pior de todas, eu digo sempre que junto com o Rosário, eu tive que reconhecer dois corpos de criança de uma família dos pais que perderam os dois filhos soterrados.

Itamar Silva - 1:28:25

E eles não tinham força pra reconhecer os corpos. Então, eu junto com a companhia nossa, a Rosário, eu tive que pela primeira vez entrar no Necrotério pra reconhecer as crianças. Então, assim, aquilo que a minha avó que tinha morrido ali, eu digo sempre que minha avó morreu pela família.

Itamar Silva - 1:28:46

Ela era a mais velha de todas. Porque se o desabamento tivesse sido uma hora depois, teria morrido minha avó, minha mãe, meu pai e talvez mais gente. Porque era uma noite de carnaval, ia começar o carnaval, a gente tinha mania de assistir o desfile todo na casa do meu pai lá.

Itamar Silva - 1:29:05

E se fosse a noite, a gente tinha morrido todo mundo. Então, foi no finalzinho da tarde, finalzinho de tarde. Então, sempre que eu passo naquele caminho ali, eu passo sempre, onde foi e tal, mas é duro, porque eu... Nas quatro bicas, a gente se chamava de quatro bicas, naquela parte lá.

Itamar Silva - 1:29:27

Isso porque eu já morava do lado de cá e eu vi o barulho do desabamento, eu corri para a varanda, ainda vi os últimos barracos caindo, eu corri para lá. Então, aquele lugar me marca muito. Parece que está sempre na minha memória.

Itamar Silva - 1:29:44

Eu acho que um outro lugar também que me marca pelo positivo é o Cantão. Ali, onde hoje é Praça do Império e o Cantão, não como ele está hoje, mas ali aquela rua era descida. Então, ali, quando a gente criou o Império de Botafogo, o ensaio se dava ali.

Itamar Silva - 1:30:01

Então, a gente ensaiava subindo e descendo, subindo e descendo. E, às vezes, chovia água correndo ali, a gente ensaiando, dançando ali e tudo mais. Então, é um lugar que eu tenho um chamego grande com o Cantão ali, com as coisas...

Itamar Silva - 1:30:16

Hoje mudou muito. A Praça tem a quadra da Escola de Samba lá, mas o local é especial porque, quando você olha para cima ali, é a Mangueira. Aquela parte ali de cima, a gente chamava de Mangueira. Então, era um local que era uma outra parte do morro.

Itamar Silva - 1:30:32

Eu morava aqui nas Quatro Bicas. Tinha a Mangueira, era um outro povo. Tinha o Pico, que era um outro povo. Tinha várias divisões no Santa Marta. Então, esse lugar também me chama a atenção. E o Pico, eu tenho um carinho especial para aquela parte do Santa Marta, porque quando o Agostinho, esse padre jesuíta que morou aqui, que veio tomar conta na capela lá em cima, no Pico do Morro, eu atuei muito fortemente ali, junto com ele.

Itamar Silva - 1:31:04

Então, ali está a caixa d'água primeira do Santa Marta, está ali embaixo da capela. As pessoas ali eram as pessoas que eram mais prejudicadas. A luz chegava lá muito fraca, era o pessoal que tinha mais dificuldade de ter acesso à eletricidade. Era o pessoal, naquela época,

mais pobre também.

Itamar Silva - 1:31:22

Mas era um pessoal muito acolhedor, muito legal de lidar. Você tinha um pouco meio coisa de roça. Não vivia na roça, mas me diziam que ali tinha um pouco meio de roça. Então, eu sempre gostei muito daquela parte lá da Alta do Morro do Campinho, aquela parte ali toda.

Itamar Silva - 1:31:39

E aí, com a questão mais do trabalho que a gente vem fazendo nos últimos tempos, de memória, é a mina, a mina d'água, a primeira mina. Porque eu costumo dizer que se a mina não existisse, talvez o Santa Marta não existisse hoje. Porque aquele foi um local em que as pessoas iam para lavar roupa, mas para pegar água também para tomar banho.

Itamar Silva - 1:32:00

E muitas bebiam, ferviam e bebiam aquela água. E era um local de encontro também. E é um local que os mitos também foram sendo construídos ali. Mulher do latão, mulher de branco, mula sem cabeça.

Itamar Silva - 1:32:16

Quando a gente era criança, tinha toda essa historinha que circulava no morro, mas que tinha a ver com aquele local. Porque eu fecho os olhos e fico imaginando. Sem luz no morro, não tinha luz nos caminhos, era tudo escuro. De madrugada, você vendo aquele barulhinho d'água, e o barulhinho do canecão rapando na pedra.

Itamar Silva - 1:32:36

Aquilo, a imaginação ia longe. A gente vem defendendo muito fortemente a questão da mina como um local de memória, um local que é parte dessa história do Santa Marta que precisa ser preservado.

Simone - 1:32:50

Eu acho que é isso.

Wikifavelas - 1:32:52

Uma coisa que eu venho pensando muito ultimamente, são nesses seres míticos da favela. Talvez uma coisa de memórias da mina, dessa coisa fantástica. Porque é o lobisomem,

Itamar Silva - 1:33:05

Aquele vizinho que vira

Wikifavelas - 1:33:06

Lobisomem. Você ficava olhando pelo buraco

Itamar Silva - 1:33:09

Da fechadura. Isso se repete em vários lugares de favela que tem água. Essa história se repete. Você vê que é uma coisa interessante.

Vony Lopes - 1:33:20

Tinha pelo menos uns três que viravam lobisomem que a pessoa falava.

Itamar Silva - 1:33:23

Eu lembro o sr. Miguel Peixeiro que virava lobisomem. O sr. Alvino, Miguel Peixeiro, virava lobisomem. Ele vendia peixe. O Peixeiro botava tudo numa coisa, botava na cabeça e ia vendendo peixe. Na época da quarentena, ele desaparecia.

Itamar Silva - 1:33:39

O sr. Miguel era lobisomem. Na época do que ele virava? Esse coitado homem.

Wikifavelas - 1:33:46

Fazendo um exercício de memória, eu sei que muitas pessoas te influenciaram, foram referência. Assim como você, hoje é referência. A gente ouviu aqui o depoimento da Sheila, da Simone, do Romney. Quando você fecha os seus olhos, quem é a pessoa que te inspirou?

Itamar Silva - 1:34:04

Eu já pensei sobre isso, Mônica. E, às vezes, eu acho que sou muito presunçoso quando eu não encontro uma pessoa que me inspirou. Por outro lado, às vezes eu quero fugir dessa coisa do lugar comum.

Itamar Silva - 1:34:20

Porque meu pai, minha mãe, tal, tal, tal. Mas, na verdade, eu não sei. Porque a gente toma consciência das coisas. Eu, atualmente, estou tomando consciência desse início da minha

vida. Por que eu sou quem eu sou e como é que eu construí esse meu caminho.

Itamar Silva - 1:34:41

Eu gosto de citar a minha avó. Gosto de citar a minha avó. Porque ela não tinha nenhuma noção do que ela estava fazendo. Mas, quando eu penso nela, eu penso sempre em uma pessoa inspiradora. Uma pessoa que era analfabeta.

Itamar Silva - 1:35:00

Uma pessoa que tinha esse dom de rezar, de rezar a criança. Mas uma pessoa que adorava Getúlio Vargas, era política, discutia e tudo mais. Quando a Brizola veio para cá ver a eleição, que a gente decidiu não votar na Brizola, ela ficou muito chateada que a gente entrou para o PT e ela queria que a gente votasse na Brizola.

Itamar Silva - 1:35:19

Mas isso não fez dela uma pessoa que ficasse com raiva da gente. Ela manifestava isso. Então, eu acho que ali tinha uma coisa da política, dessa política nova, da política partidária que eu estava me metendo e que ela teve um papel interessante.

Itamar Silva - 1:35:37

Um pouco de falar para a gente um pouco da paixão dela por Getúlio Vargas, da paixão dela pela Brizola. E aquilo me contagiou de alguma forma. Eu lembro sempre, quando eu me candidatei para presidente da associação, minha mãe e meu pai falaram, pelo amor de Deus, não entre lá nisso.

Itamar Silva - 1:35:57

Ela estimulou. Ela estimulou. Vai lá, meu filho, é isso mesmo. Então, assim, eu gosto de pensar assim. Eu tenho outras pessoas na minha história. Eu acho que a gente sempre teve uma coisa muito coletiva e eu acho que essa formação inicial do Grupo Eco, foi fundamental para mim.

Itamar Silva - 1:36:19

Tinha gente muito próxima, como Gilson, que é meu tio, mas era um militante já naquela época. E as pessoas que chegaram depois, foram agregando aqui. Aquele grupo para mim foi muito... Era meu ponto de apoio. Eu costumo dizer que o Dedé, que morreu aqui, o Dedé era birosqueiro.

Itamar Silva - 1:36:38

Dedé era meu vice-presidente. Na verdade, era uma pessoa fantástica e era a pessoa que a gente queria que fosse o presidente. Mas ele tinha muita dificuldade de escrita. Ele dizia, não, Itamar, você que vai ser o presidente. Eu falei, não. Então, você tem que me segurar, você tem que ser a minha base. Ele falou, tá bom, estamos juntos.

Itamar Silva - 1:36:54

E foi junto até morrê-lo autocutado aqui no Santa Marta, na passagem da Light, da rede velha para a Light. E aquele cara, ele não tinha ideia, mas eu tinha uma admiração enorme por ele também, entendeu? Pela força. E ele era birosqueiro.

Itamar Silva - 1:37:09

Ele larga a birosca para poder se engajar no nosso grupo, para poder fazer trabalho com jornal, para circular pelo morro. Então, são referências que eu fui acumulando ao longo do tempo, que eu posso falar no momento de dez pessoas. Agostinho também, que eu tinha uma...

Itamar Silva - 1:37:28

Eu nunca quis ser padre não, viu, Mônica? Mas assim, eu tinha uma admiração por aquela figura que sendo padre, era capaz de parar na birosca, conversar com as pessoas, era capaz da porta aberta, morava em frente à Assembleia de Deus, era capaz de ouvir uma vigília da Assembleia de Deus sem reclamar, dialogando com aquelas pessoas.

Itamar Silva - 1:37:52

E era uma pessoa que caía no mutirão com a gente, fazia coisas e tinha sempre uma palavra que eles gostavam, os mais jovens gostavam de estímulo para os mais jovens. Passava pano quente. Então, assim, eu fui me sendo formado um pouco nessa...

Itamar Silva - 1:38:12

Eu não consigo, assim, uma pessoa, mas eu acho que tem uma trajetória, tem um acúmulo que acho que compõe quem eu sou hoje.

Wikifavelas - 1:38:19

Antes da gente encerrar, o Valnei quer falar alguma coisa provocada aí pelo pano

Vony Lopes - 1:38:23

Quente. Então, é assim, eu sempre falava com o Agostinho, que é um cara que eu faço de memória, que eu lembro também com o maior respeito, que ensinou muita gente aqui. E uma passagem, a gente estava para se reunir lá em Correios, numa casa que a gente...

Vony Lopes - 1:38:40

Petrópolis. Então, a gente terminava com o Valnei de Férias, a gente saía, ficava sexta-feira até domingo para pensar o resto do ano, fazer todas as agendas. E uma passagem, se está perguntando, a gente estava no mercado aqui em frente fazendo a compra para levar para lá e o Agostinho estava com a gente no mercado.

Vony Lopes - 1:38:56

Aí eu falei para o Agostinho, ele fazia a caipirinha da gente. Aí o Agostinho, não, pega aí o velho barreiro, a cachaça lá, pega também um garrafão de vinho, porque depois a gente pode tomar um vinho depois da missa e tal. E o Itamar estava chegando do trabalho e ia encontrar com a gente no mercado.

Vony Lopes - 1:39:13

O Itamar ia pagar lá as compras. Aí a gente entra, estava lá com o carro cheio de coisa, porque a gente levava tudo, tinha que cozinhar, lavar, tinha a escala de serviço também. E aí o Itamar chega e olha dentro do carrinho e fala, o que é isso aqui? Esse garrafão de vinho, essas duas garrafas de cachaça, esse monte de limão aqui, vocês vão para a reunião de trabalho e vão ficar bêbados lá.

Vony Lopes - 1:39:37

Aí o Agostinho fala assim, ô Itamar, deixa os meninos. É uma história de trabalho que a gente vive, não.

Sheila Souza - 1:39:42

E assim,

Vony Lopes - 1:39:44

Aí o Itamar acaba sendo mais padre do que o padre. Eu acho que essa frase foi o que eu criei. E é isso. Mas assim, a memória também desse grupo, esse grupo lá atrás, ele tinha uma força. Porque às vezes a gente fazia as coisas assim, isso não fazia certo. Mas a gente sentava assim, era de desce pra lá, todo mundo junto.

Vony Lopes - 1:40:03

Aí eu olhava pra sua cara e falava assim, porra, vambora, vamo. Aí a gente, sabe, tinha uma energia ali invisível, que a gente saia junto assim e fazia tudo o que tinha que fazer, chorava, ria, tudo junto. Era muito legal.

Itamar Silva - 1:40:17

Esse povo bebia demais, gente.

Simone - 1:40:20

Bebia demais. Ah, não sei. Quando você fala disso assim, essas histórias assim, como padre e tal, eu não vivi, né? Não vivi essa coisa toda. E a gente vai lembrando, vai construindo. Eles vão contando e vai mostrando também a diferença das dificuldades anteriores com o pra agora.

Simone - 1:40:39

Aí ele fala assim, que encara isso aqui. Aí de vez em quando até dá uma... uma assim... um encaro. Vamos levar as crianças na trilha do bondinho? Não, não sei o quê. Vamos levar a prata? Não. Qualquer uma das histórias que eles contavam que pegavam essas criança toda, né?

Simone - 1:40:57

E ia andando lá pra praia de ônibus, de não sei o quê, toda dificuldade. Ou vai subindo direto pro Cristo Redentor, caminhando. Então, aí eles vão... Aí de vez em quando tem umas ideias, mas não conhecem. Não, agora a gente não pode mais fazer isso.

Simone - 1:41:13

Tem que ter segurança disso. Agora que eu tô, pode ter que ir de ônibus. Não pode, né? Porque agora é diferente. E a gente entende isso, mas assim, a história que eles contam, estimula a gente também, entendeu? Dá uma força pra gente pensar outras maneiras de fazer.

Simone - 1:41:29

Ah, então qual outra maneira que a gente vai fazer? Então é isso. A gente pensar junto, coletivamente, pro bem, né? Não só do Santa Marta, aí a gente diz. A gente sabe que não é só pro Santa Marta, que até a Colônia de Férias não é mais só pro Santa Marta. A gente já sabe que criança não é Victor e que tudo de outras contadas também.

Simone - 1:41:47

Tudo que a gente faz é sempre aberto. A gente sempre tá convidando todo mundo pra participar. Eu penso que

Itamar Silva - 1:41:53

O momento em que a gente vai ter essa... vai ter uma reformulação dessas casas aqui. Eu acho que vai ter um investimento nas habitações, em que a gente vai aleijar esse espaço aqui, vai reconstruir algumas casas, vai redesenhar esse território aqui, pra que a gente permaneça, mas permaneça do nosso jeito de uma forma que acolha todo mundo.

Itamar Silva - 1:42:21

Criar pequenas praças pra gente poder conversar com o nosso vizinho. Abrir a janela e ver uma... interagir com quem tá mais próximo. Eu sonho também de um momento em que a questão do lixo não seja mais uma questão pra gente.

Itamar Silva - 1:42:37

Ou, voltando, que seja uma questão incorporada como uma questão responsabilidade coletiva, que cada um separa seu lixo, cada um que o lixo vai ser recolhido na sua porta, num lugar definido, previamente definido, que a gente não vai ter uma enchente, não vai provocar uma avalanche de lixo pelo morro.

Itamar Silva - 1:43:00

E eu sonho que... eu tenho um pouco de saudade, um pouco de uma certa... um sentimento meio coletivo do Santa Marta, de um momento em que a gente acho que era mais vizinho. A gente era mais aberto um com o outro. Eu acho que, hoje, a gente se esbarra muito um com o outro.

Itamar Silva - 1:43:19

Mas eu sonho que a gente recupere essa marca, que é uma marca de vizinhança, marca de acolhimento, e eu acho que isso é importante. Então, isso eu acho que é o meu maior sonho.

Wikifavelas - 1:43:32

E pra você?

Itamar Silva - 1:43:33

Pra mim? Hum, Mônica, eu não sei o que é o sonho pra mim. Na verdade, eu queria... É uma

coisa meio óbvia, né? Eu queria ter condição de continuar vivendo no Santa Marta, mas com a alegria e com a disponibilidade que eu tenho hoje.

Itamar Silva - 1:43:54

Porque eu não gostaria de continuar morando aqui por uma obrigação, uma determinação. Por enquanto, me dá alegria, me dá ânimo, e eu quero continuar fazendo isso. E eu quero continuar tendo forças e disposição pra continuar subindo no Santa Marta, porque escada rolante não vai ter aqui.

Itamar Silva - 1:44:14

Então, tem que ter joelho bom. É isso que eu sonho.

Simone - 1:44:18

Obrigado a você

Itamar Silva - 1:44:21

Mônica, você que é muito boa entrevistadora, não é não? Não é não?